

Número de casos de leishmaniose letal dobra em 4 anos

Apesar do aumento de 109,65% na incidência da doença, Estado de São Paulo registra menos mortes de infectados

Até a semana passada, foram confirmados 18 casos de leishmaniose visceral no Estado, mas nenhuma morte foi registrada

AFRA BALAZINA
PAULO ARAÚJO
DA REPORTAGEM LOCAL

O número de casos do tipo letal de leishmaniose — a visceral — cresceu 109,65% no Estado de São Paulo de 2002 a 2006. O número de mortes, entretanto, caiu nesse período — de 13 para 8. Neste ano, foram confirmados, até 14 de maio, 18 casos, sem mortes.

Segundo o Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral, da Secretaria de Estado da Saúde, verifica-se “expansão da doença à medida que se verifica a adaptação do vetor em zonas urbanas”. Em 1999, detectou-se o primeiro caso originado no Estado de SP.

Para haver contágio, é preciso que o mosquito-palha (*Lutzomyia longipalpis*) contraia o protozoário de um animal infectado, como um cachorro ou espécie silvestre, e transmita-o para o homem pela picada.

De acordo com a coordenadora da Vigilância Epidemiológica da Secretaria da Saúde, Cilmara Polido Garcia, médicos estão sendo sensibilizados para reconhecer a leishmanio-

se visceral. “O número de mortes diminuiu porque se conduziu melhor o tratamento. Iniciado precocemente, a chance de cura aumenta”, continua.

Outras doenças transmitidas por mosquitos, como dengue e malária, têm sido mais frequentes em São Paulo.

Houve explosão de casos de malária na cidade de São Paulo entre o último trimestre de 2006 e março deste ano — foram confirmados 67 casos, contra 6 de 1990 até o terceiro trimestre de 2006. Quanto à dengue, 90 cidades paulistas têm epidemia da doença.

Aquecimento global

O ressurgimento de doenças transmitidas por mosquitos pode ser um dos efeitos do aquecimento global, diz o infectologista e professor da Unifesp Paulo Olzon. Associadas ao verão, essas moléstias aparecem ao longo do ano devido ao clima constantemente quente.

“Algumas doenças sazonais passaram a se manifestar em todas as estações”, aponta Olzon. A explicação é que os mosquitos transmissores proliferam em clima quente.

Para a médica veterinária Maria Cecília Luvizotto, professora da Unesp, a “única relação notável” entre os avanços das três doenças é a íntima relação de incidência delas “com áreas de maior frequência de

população carente”.

Por ser doença endêmica especialmente no Nordeste, a leishmaniose visceral deve ter sido trazida a São Paulo “por pessoas que a adquiriram lá”, afirma o primeiro-secretário do departamento de infectologia da Associação Paulista de Medicina (APM), Hélio Vasconcellos Lopes.

Outra hipótese é que a moléstia tenha se espalhado a partir de um “surto isolado”.

Segundo o Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, as cidades que registraram maior número de casos autóctones (contraída no próprio município) em 2006 foram Bauru (67), Dracena (41), Birigüi (23) e Adamantina (20).

Epidemia improvável

Uma epidemia de leishmaniose na dimensão que teve a da dengue é muito improvável na visão de infectologistas, pois a transmissão é mais difícil.

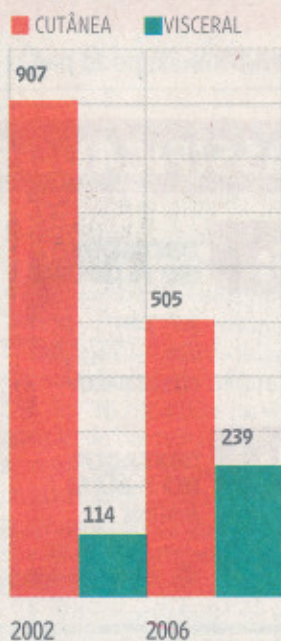
Os cães hospedeiros, por exemplo, precisam ser sacrificados, afirma a coordenadora da Vigilância Epidemiológica. Também é necessário reduzir o número de mosquitos.

Dos municípios paulistas, segundo o Bepa (Boletim Epidemiológico Paulista), 53,2% estão em situação de vulnerabilidade — não tiveram registro de casos, mas estão perto de outros que já possuem a doença.

LEISHMANIOSE VISCERAL AVANÇA EM SP

O tipo letal da leishmaniose, antes restrita às regiões Norte e Nordeste, cresce no Estado de São Paulo

NÚMERO DE CASOS DE LEISHMANIOSE



55 é o número de municípios com casos

A DOENÇA EM 2006

Tipo	Casos	Mortes
Visceral (letal)	239	8
Cutânea	505	0

[+] saiba mais

Doença causa febre, anemia e perda de peso

DA REPORTAGEM LOCAL

Os sintomas da leishmaniose visceral são febre, perda de peso, anemia e, quando a doença está mais evoluída, hemorragias.

Os órgãos mais afetados são baço e fígado. O tratamento, feito à base de medicamentos, pode durar mais de 45 dias.

As causas de morte mais comuns decorrentes da leishmaniose visceral são associadas a broncopneumonias, gastroenterites e sangramentos graves (como hemorragia digestiva, por exemplo) e insuficiência cardíaca causada por uma anemia grave.

Segundo dados da Secretaria de Estado da Saúde, a leishmaniose visceral é uma das seis doenças endêmicas mais importantes no mundo "dada a sua incidência, alta mortalidade em indivíduos não tratados e crianças desnutridas e emergente em indivíduos portadores da infecção por HIV".

Na América Latina, a doença já foi descrita em pelo menos 12 países, sendo que 90% dos casos ocorrem no Brasil, e são registrados especialmente na região Nordeste.

Cães

Nos cães atingidos pela doença, os sintomas são lesões cutâneas —como descamação, eczema em focinho e orelhas, pêlos opacos, ulcerações nas orelhas, focinho, cauda e articulações—, perda de peso e de apetite, lesões oculares e diarreia crônica. (AB e PA)

COMO É O CONTÁGIO

O tipo e a gravidade da doença variam conforme o hospedeiro que o inseto picou antes

VETOR: Picada dos insetos flebotomíneos, como o mosquito-palha (*Lutzomyia longipalpis*), infectados com o parasita contraído de um hospedeiro

Principalmente cães, mas também animais silvestres e até gatos, contaminados pelo *Leishmania chagasi*

HOSPEDEIROS

Animais silvestres roedores e marsupiais, cães e equinos contaminados pelo *Leishmania brasiliensis*



TIPOS DA DOENÇA

	Alguns sintomas	Tratamento	Prevenção
VISCERAL É letal, infecciosa e não contagiosa	Febre, aumento do fígado e do baço e complicações cardíacas	Drogas à base de antimônio, repouso e boa alimentação	Eliminar animais infectados. Uso de coleira contra mosquitos em cães
CUTÂNEA É infecciosa, mas não é contagiosa nem letal	Úlceras na pele e mucosas	Injeções antiparasitárias duas vezes ao dia, por 1 mês	Uso de repelentes e menor exposição à tardinha e à noite